

Intervenção tardia: reflexões sobre uma intervenção possível no autismo infantil

Leonardo Barros
Leonardo Danziato

Resumo

Trata-se de um trabalho elaborado a partir de um estudo de caso de um jovem de 20 anos, que aos 5 anos recebe um diagnóstico de autismo grave. A comunicação com ele sempre foi algo restrito, e a escrita se tornou uma forma de D reproduzir o discurso do Outro, em várias esferas. O que se propõe é uma aposta num tratamento de autismo, pensando intervenções possíveis mesmo num autismo já estruturado, fora de um momento em que seria possível uma dita “intervenção a tempo”.

Palavras-chave

Autismo, Sujeito, Psicanálise, Clínica.

D.A.R., 20 anos

D encontra-se em atendimento psicológico há 14 anos, vive sozinho com a mãe, seu pai faleceu devido a um câncer de garganta (na época D tinha aproximadamente 5 anos).

Converso inicialmente com D e sua mãe procurando ouvi-los um pouco sobre os atendimentos anteriores e suas expectativas com relação à terapia. A mãe me relata que D gosta muito da terapia e que sempre que é chamado para retomar o tratamento ele quer voltar.

D participa muito pouco da conversa, reservando-se apenas a me responder quando perguntado ou quando sua mãe lhe pede para me falar alguma coisa; ele é dotado de incrível memória, conseguindo lembrar de todos os programas de televisão, personagens e inclusive narrando algumas das falas de diversos filmes.

A mãe de D me fala sobre o autismo, sobre o percurso dele numa instituição que

cuida de autistas, e começo a perceber que ela explica tudo aquilo que o filho faz como sendo um tipo de “comportamento autístico”.

Na primeira sessão com D, logo que entra na sala, ele senta-se numa das cadeiras, arrasta-a para perto da mesa e começa a escrever em uma das folhas que lá estavam.

D escreve rapidamente, narra episódios ou diálogos de programas de televisão e ao terminar se põe a escrever novamente em uma outra folha; ele faz isso incessantemente até o término das sessões. A interrogação é uma coisa interessante na sua escrita, uma vez que sempre aparece no fim dos textos, e que é bastante rebuscada, reforçada diversas vezes, como numa tentativa de marcar na escrita algo que não se inscreve.

Repetidas vezes procuro intervir falando a D, mas não há nenhum efeito naquele momento. Até que num dado mo-

mento, decido pegar uma das folhas e escrever, do mesmo modo que ele tem feito. Quando começo a escrever, D se levanta e vem para perto de mim, se posicionando de forma a poder ler o que escrevo ali, e à medida que escrevo ele lê em voz alta.

Pergunto a ele, através da escrita: “D, por que tantas datas?”. Sua reação é de riso, então ele pega novamente uma folha e volta a escrever.

Me dou conta de que D cantarola baixinho, um cantarolar repetitivo, quase que uma música sem ritmo, e depois, ao parar, se põe a escrever novamente. Durante o processo, em vários momentos D vai recorrer a esse cantarolar, que percebo ser um ato estereotipado, repetido diversas vezes.

À medida que as sessões prosseguem, D começa a dirigir as folhas expressamente a mim, marcando meu nome nas folhas e entregando-as a mim para que eu as leia. Outra coisa interessante é que ele começa a me olhar enquanto espera por minhas respostas, e começa a sustentar ser olhado por mim.

Em uma das sessões D me dirigiu uma pergunta numa folha, que não tinha uma interrogação, e ao ver que eu não compreendia o que ele queria dizer falou: “É uma pergunta, Leonardo” (sic). Nessa ocasião eu lhe perguntei: “E cadê a interrogação?” Sua resposta foi um longo riso, acompanhado pelo já conhecido cantarolar, depois do qual não recebi nenhuma resposta.

Laznik (1997) ao se referir às estereotipias autísticas diz que elas são: “... *meios de descarga, manobras de evitamento defensivo (elisão) contra a lembrança de traços mnésicos ou percepções dolorosas provenientes do mundo exterior...*” (LAZNIK, 1997). Ficará claro durante vários momentos nas sessões que D usa do cantarolar como forma de evitação quando interrogado.

Faço regularmente algumas entrevistas com a mãe de D, procurando fazer cortes sutis nesse discurso tão “rígido” sobre

o autismo, uma vez que ela mesma me traz, durante algumas conversas, que “autista não gosta muito de gente não” (sic).

O discurso científico sobre o autismo norteia toda a forma como esta mãe lida com o filho, mas quando perguntada sobre o que é autismo, ela ri e responde: “Ah, eu não sei o que é não, ele é que sabe, pergunte pra ele pra você ver como ele sabe” (sic).

D faz aulas de música, e é vocalista do grupo onde pratica; é comum que ele cante quando lhe pergunto que música eles ensaiaram na última aula. Em uma das sessões ele canta uma música do Fábio Júnior, e de repente para de cantar e me olha. Nesse momento, entendendo aquele olhar como uma demanda dirigida a mim, continuo a cantar a música de onde ele parou e ele me olha fixamente, antes de voltar a cantar, dessa vez junto comigo.

Aqui é interessante fazer alusão aos escritos de Didier-Weill (1998) sobre o corpo deprimido, mudo, autista. O autor afirma que o que pode criar uma escansão, devolver a vida ao corpo deprimido é a introdução do ritmo. E nesse caso, é através da música, cantando, que por muitas vezes será possível fazer intervenções junto a D nas sessões, e perceber como no canto a forma “robotizada” da fala toma ritmo, entonação.

Segundo Didier-Weill, o ritmo seria o tipo de escansão necessária quando há um encontro entre Real e Simbólico, e este encontro se evidencia em trechos da escrita de D, quando ele traz desenhos de objetos em meio a frases, como que substituindo a palavra pelo objeto.

D começa a me trazer questões relacionadas ao sexo, começa a falar de muitas mulheres famosas, com quem ele queria casar, com quem ele até mesmo teria inventado que seria casado.

Numa conversa com a mãe, ela me conta que foi instruída a não lhe permitir o sexo. Na instituição onde ele estuda teriam lhe dito que seria muito perigoso,

porque os autistas não têm limite, é importante que ela proíba porque ele pode querer atacar até mesmo ela.

Ela me diz que, preocupada com a mania do filho de levantar as saias das moças na rua, só viu como solução dizer a ele que “debaixo das saias das mulheres tem um caranguejo, e ele vai beliscar o seu dedo” (sic).

Durante as sessões com D, ele começa a falar de uma moça que conheceu na instituição, que o teria convidado para passar um dia na casa dela. A mãe de D barrou terminantemente esse convite, e então a moça se ofereceu para ir à casa deles passar um dia com D. A mãe me fala sobre isso com muito aborrecimento.

Algumas semanas depois numa conversa com D, ele me relata que a moça em questão foi colocada pra fora da instituição (segundo a mãe, isso aconteceu devido à forma “estranha” como se oferecia para sair com D) e que ela agora trabalha como fotógrafa. Então ele escreve numa das folhas: “Fui pro velório de um tio meu há 2 anos atrás, se eu soubesse que nunca mais ia ver ele tinha pedido pra G (moça em questão) ir tirar uma foto dele” (sic).

Depois, D me relata algo parecido sobre o velório do pai, e falo um pouco com ele sobre a morte do pai, quando ele pela primeira vez me diz: “Eu gostava muito do meu pai” (sic). O “eu” entra em cena, e começa a aparecer em várias falas ou escritas de D, sobretudo quando fala sobre o pai.

Temos aqui a importância da vinculação a um Outro, tal como coloca Laznik (1997), para advir a possibilidade do surgimento de um “eu”. Esse lugar, assinala a autora, deve ser sustentado na transferência pela figura do analista, numa operação de suposição de um sujeito.

A mãe de D me conta que quando o pai morreu, o filho começou a se comportar muito mal, e foi então que ela procurou pela primeira vez uma psicóloga. Quando perguntada sobre o diagnóstico

de autismo, ela me conta que tudo começou quando ele tinha 2 anos.

D repentinamente parou de falar, e instruída por uma amiga, a mãe o leva a uma fonoaudióloga. Depois de alguns meses de tratamento, ela é informada pela fonoaudióloga que seu filho voltou a falar, mas que ele só consegue gritar, e lhe orienta a procurar um neurologista. Na época ele teria orientado uma medicação, mas nenhum diagnóstico foi dado.

Segundo a mãe, esse fato teria ocorrido quando D tinha 2 anos, e que na ocasião o pai teria retirado as cordas vocais devido a um tumor na garganta. Ela me relata que eles dois eram muito ligados, que o pai de D o pegava nos braços e dizia: “Faça o que você quiser comigo” (sic), daí D mordida, beliscava e batia no pai, que não reagia de modo algum. Conta que com ela a coisa era diferente, não aceitava isso, e que por isso filho e pai se aproximaram tanto.

Numa outra conversa, a mãe de D relata que o pai dele tinha uma preocupação de que o filho não nascesse normal, e que quando estava no segundo mês de gravidez, o marido ele disse: “Tenho medo que nosso filho não seja normal, porque você sabe né, minha família é cheia de gente doida, aí é perigoso...” (sic).

Em uma das sessões, D me conta um sonho: diz que sonhou que sua mãe queria que ele colasse letras na colcha de sua cama para formar uma palavra, e quando ele se negava a fazer isso ela lhe batia, lhe batia com a chinela no peito. Ele me pergunta se pode alguém bater com um chinelo no peito de outra pessoa.

Parece que algo não se sustenta mais nessa relação; diante da ordem da mãe de colar algo, D se volta contra ela e sua reação é violenta. Teria essa colagem de algo a ver com a colagem que a mãe fez do autismo sobre o filho? A negação de D, no sonho, teria a ver com os avanços que ele vem fazendo, essa colagem não se sustentaria mais?

Outros sonhos começam a ser trazidos por D, e ele começa a fazer relações muito curiosas. Ele escreve em uma folha que sonhou com um ator famoso, então vai dar borboleta no jogo do bicho. E assim ele faz outras vezes, até que brinco lhe dizendo que se ele sabe informações sobre esses jogos, vai me dizer, ele precisa me dizer a tempo de eu poder jogar.

Na semana seguinte, D anota cinco números numa folha e me entrega dizendo que são os números da mega-sena. Sua mãe me conta que várias vezes ele faz essas “previsões”. Uma coisa interessante é que um jogo da mega-sena é composto por 6 números e D me dá apenas cinco números.

Recentemente utilizamos uma câmera de vídeo para gravar uma das sessões, após uma conversa com D e sua mãe que não se opuseram. Posicionei a câmera sobre uma mesa na sala de atendimento e a liguei no início da sessão.

D no início parece não se importar em nada com a filmagem, mas durante vários momentos na sessão ele interrompe sua fala ou a minha e começa a cantar olhando para a câmera. Ele vai fazer isso várias vezes durante a sessão, e no final, quando desligo a câmera, D me pergunta: “Leonardo, onde vai ser exibida a minha entrevista?” (sic).

Explico a ele que esse vídeo não será exibido para mais ninguém, apenas eu e meu orientador iremos assisti-lo, e lhe digo que posso trazer o vídeo para assistirmos num outro momento. D concorda e naquele momento a sessão é encerrada.

Considerando interessante o significativo “entrevista” ter aparecido na ocasião da filmagem junto à forma como ele se exibiu várias vezes para a câmera, levo-a novamente na sessão seguinte e digo a ele que se quiser posso entrevistá-lo.

D diz que gosta da ideia e aceita ser entrevistado. Então me ponho a perguntar-lhe sobre sua vida, sua história, enquanto o filme, dessa vez com a câmera

em mãos. Agora D não se exhibe para a câmera, parece perder um pouco sua atitude falante de antes e apenas me responde as perguntas feitas.

Encerrada a entrevista, desligo a câmera e proponho que pela primeira vez possamos conversar sem o artifício das folhas. D aceita a proposta e nós conversamos um pouco antes do fim da sessão.

Na sessão seguinte, D vai em direção à mesa, como de costume, procurando folhas e lápis, mas não havia material algum sobre a mesa. Digo-lhe que gostaria de propor que nós não mais utilizássemos as folhas. D aceita a proposta, e daí em diante começamos nossas sessões de conversa.

A partir da aquisição do “eu”, da possibilidade do estabelecimento de uma relação especular e recentemente da sustentação de uma conversa comigo sem o uso de outros recursos que não a fala, as sessões vêm desenrolando com efeitos muito interessantes.

Vemos com D como o trabalho com autistas é importante, mesmo que não se trate de uma criança, que não seja uma chamada “intervenção a tempo”. O trabalho terapêutico realizado com ele mostra resultados interessantes, e seu interesse pela música abriu espaço para a realização de intervenções outras de convocação. A suposição de um sujeito e a aposta no tratamento atravessam o processo e permitiram o deslizamento de D de uma posição de fechamento autístico para sua condição atual.φ

**LATE INTERVENTION:
REFLECTIONS ON A POSSIBLE
INTERVENTION IN THE
INFANTILE AUTISM**

Abstract

It's a text elaborated from a case of a young boy twenty years old, that received a autism diagnosis when he was five. Communication was something restrict, and his writing becomes a way of reproduction for the other discourse, in different levels. The authors believe in the possibility of the autism treatment, thinking about possibles interventions even in a structured autism, when a so-called "intervention in time" is not possible.

Keywords

Autism, Subject, Psychoanalysis, Clinic.

SOBRE OS AUTORES

Leonardo Barros

Graduando em Psicologia pela UNIFOR.

Leonardo Danziato

Psicanalista. Doutor em Sociologia pela UFC. Professor titular da graduação e do Programa de Pós-Graduação do mestrado em Psicologia da UNIFOR.

Endereço para correspondência:

Rua do Jangadeiro, 104 – Monbudim
60761-780 – FORTALEZA/CE
Tel.: + 55 (85)3473-4708
E-mail: leoyakushi@hotmail.com

Bibliografia

DIDIER-WEILL, A. *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LACAN, J. Variantes do tratamento padrão (1955). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LAZNIK-PENOT, M-C. *Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*. Trad. Mônica Seincman. São Paulo: Escuta, 1997.

RECEBIDO EM: 21/07/2010

APROVADO EM: 30/07/2010